

Indefinição assusta os produtores

Apesar da estimativa otimista para esta safra, com um aumento previsto de 50% na produção agrícola, os produtores rurais da região continuam apreensivos quanto ao seu futuro. A indefinição da política econômica do governo com relação aos juros para os financiamentos de custeio e investimento e a volta da correção monetária têm sido os maiores problemas da classe rural. Além disso os produtores rurais não têm a certeza do saldo de sua colheita conseguida com altos custos de produção.

Assim como os produtores rurais de todo o país, no Distrito Federal o principal «monstro» da agricultura é a alta dos juros acompanhada da correção monetária. De acordo com Damião Souza Neto, presidente da Federação das Associações de Produtores Rurais do DF, os contratos feitos até 28 de fevereiro de 86 continuarão com juros de 10 por cento, sem correção monetária, mas a grande maioria dos financiamentos foi feita após esta data. O maior temor da classe rural é ser pega de surpresa pelos juros de mercado, hoje, da ordem de 20%. Isto causará a falência generalizada do setor», ressalta Damião Souza. O pagamento de suas dívidas começa a vencer em junho, parcelado até outubro.

Como os «fiscais do Sarney», os produtores rurais também se sentem traídos pela política econômica do governo. Durante o ano passado, a maior parte dos produtores pegou financiamentos acreditando na promessa da inflação zero, prevista pelo Plano Cruzado. Os investimentos iniciais foram feitos durante a fase de preparação do solo, por volta de agosto. Nesta mesma época, no entanto, teve início a cobrança de ágios, o que encareceu a lavoura, extrapolando os orçamentos da agricultura.

A situação se agravou na época de plantio, a partir de outubro, quando os fertilizantes desapareceram do mercado ou eram encontrados com ágios superiores a 100%. Tudo isto não fazia parte da previsão de gastos do produtor, que teve de dispor de financiamentos complementares para prosseguir ao plantio. O problema é que as taxas de juros destes financiamentos, que se encontravam em 10%, passaram para até 400 por cento.

O quadro atual é considerado mais grave ainda, já que predomina a insegurança com relação às medidas a serem tomadas pelo setor econômico. Os produtores não sabem como e nem se conseguirão pagar suas dívidas, baseados no retrato atual da economia. Além disso, o aumento dos preços mínimos dos produtos agrícolas, em torno de 45%, concedidos pelo governo, não é considerado suficiente; o que onera ainda mais esta safra.